

## UM OLHAR SOBRE SUA FALTA: estudo iconológico acerca da figuração da paternidade nas artes visuais.

RODRIGUES, ANDRE DIAS<sup>100</sup>  
TONIN, THAYS<sup>101</sup>

**Resumo:** Essa pesquisa desenvolve-se na criação de um painel mnemônico com base nas teorias de Warburg, selecionando e analisando imagens artísticas figurativas de diferentes períodos históricos, as quais apresentam, sob diferentes temáticas e narrativas acerca da paternidade e maternidade ocidental, criando conexões que aproximam elas, nesse caso se percebeu uma paternidade simbólica contraditória comparada a maternidade. Através de um caminho onde a falta de olhar surge como um sintoma ao longo do tempo se propõe que é possível partir das imagens para encontrar heranças simbólicas, assim ligações e caminhos que podem nos falar ou indicar ideias que não se fizeram visíveis pelos textos já escritos. A pesquisa continua em andamento, seja na busca por mais imagens para o painel que reforcem esses signos e temáticas e caminhos novos que possibilitem outras relações nesse tema, que se compreendem recorrentes e pertencentes às imagens artísticas legitimando assim essa alternativa na pesquisa através das imagens e não somente de textos escritos e já legitimados. Durante a pesquisa, se percebeu a defasagem de estudos acerca da representação da paternidade para se compreender e estudar essas relações além da cis-heteronormatividade, com o objetivo de poder compreender melhor como lidar com esse tema para que a pesquisa não exclua ou continue com conhecimentos defasados, mas que possa contribuir com outros estudos e na criação de conhecimentos.

**Palavras-chave:** Aby Warburg. Paternidade. Painel Mnemônico. Didi-Huberman.

### Introdução

A pesquisa aqui apresentada desenvolve-se em torno da análise de imagens artísticas figurativas provenientes de diferentes períodos históricos, as quais apresentam, sob diferentes temáticas, narrativas acerca da paternidade e maternidade como *tropos* ocidental. Figurações maternais encontradas em objetos culturais de AEC a EC<sup>102</sup> constroem uma personificação do cuidado, afetivo e amoroso, onde, por exemplo, em esculturas, mulheres são apresentadas amamentando seus filhos em seus colos, e figuradas com olhares e gestos afetivos. Essa representação se perpetua na história, se popularizando muito com as *Madonnas* (representações de Virgem Maria) no século XIV.

---

<sup>100</sup> Universidade Federal de Pelotas, UFPel – andre13t@hotmail.com

<sup>101</sup> Universidade Federal de Pelotas, UFPel – toninthays@gmail.com

<sup>102</sup> EC ou Era Comum é um termo alternativo ao uso de Antes e Depois de Cristo AC e DC, Anno Domini (ano do senhor), elas são equivalentes cronologicamente.

Em contrapartida, quando pesquisamos figurações antigas, medievais ou modernas da paternidade ou de narrativas paternas, encontramos escolhas simbólicas contraditórias ao ideal de afetividade construído para a maternidade. Após buscas e seleções para criação de um painel mnemônico baseado nas teorias de Warburg, encontramos uma forma de Pathosformel (fórmula de pathos) onde figura-se eloquentemente uma distância afetiva nas relações da paternidade, uma constante falta e desencontros nos olhares e direções paralelas entre pais e filhos, as quais constroem a impressão de não ser possível ao pai uma postura de reverência neste ato de afeto. Nesta pesquisa, lembrou-se dos mitos antigos onde há essas relações narrativas em que pais sentem-se ameaçados pelo destronamento e pelo medo em deixar de ser o chefe da família, (por exemplo, a figura de Cronos ao matar seus filhos para se preservar<sup>103</sup>).

Por volta do século XVII, quando as artes passam a ter mais liberdade das figurações cristãs, vemos representações de uma forma de paternidade mais conectada (de intimidade) na relação com os filhos. Mesmo nas obras feitas para a Igreja Católica nesse mesmo período já se percebem certas mudanças, ainda que somente em um caso narrativo, a saber, no caso de algumas representações de José e Jesus. Contudo, dada a natureza da relação entre os personagens, seria também possível argumentar que isso se dá por Jesus já ter nascido como seu rei, e que há, portanto, uma inversão de lugares (portanto, ausentando-se a preocupação de destronamento). No entanto, quando Jesus é retratado com Deus, é perceptível um olhar distante e paralelo, à exemplo de obras como “A Trindade por Jusepe de Ribera” do ano 1635 (Figura 1. Cfr. obra 14)<sup>104</sup> onde Deus segura seu filho morto depois de ter sido crucificado com uma expressão apática e com um olhar distante.

Na contemporaneidade, ainda que existam mais debates sobre esse tema, (seja discussões das faltas de afetividade ou representações da ausências dela), o que notamos no decorrer da pesquisa são imaginários herdados de longa duração, e, tal como nas imagens e suas representações, essas cicatrizes sociais abertas ainda são

---

<sup>103</sup> De acordo com os textos antigos da Teogonia de Hesíodo que era um poeta oral que produziu por volta de 700 AEC.

<sup>104</sup> A obra citada encontra-se sob o número 14 da montagem feita pelo autor (figura 1) presente neste artigo na página 2, e pode ser vista com melhor resolução em seu link original: [https://prezi.com/i/dszgfp\\_ew5sk/](https://prezi.com/i/dszgfp_ew5sk/). Neste formato, é possível aproximar-se de cada imagem, sendo todas elas apresentadas com 200 a 300 dpi. Acesso em: 21 ago 2022.

protagonistas na cultura e na arte, carregadas de resquícios de valores artísticos de sociedades patriarcais e eurocentradas.

## **Desenvolvimento e discussão**

Baseando-se em teorias e conceitos de Aby Warburg e Monica Centanni (Apud TONIN, 2020) sobre a transmissão no tempo de uma memória coletiva através de imagens ou de suas *Pathosformeln*, propomos um debate que inicia-se no exercício de construção de um painel mnemônico. Desenvolveu-se, para essa pesquisa, o conceito de constelações de imagens e ligações onde traçamos determinados caminhos interpretativos, os quais “tornam visíveis” certos aspectos recorrentes na cultura e portanto nas figurações presentes nas artes. As características simbólicas atravessam os séculos e perpetuam-se de referência em referência, ou melhor, entre as heranças culturais escritas ou imagéticas.

No processo da criação da ideia do painel, num primeiro momento não foram interpretados os documentos em si, no caso, a figuração imersiva da fantasia e a emersão da razão, mesmo já estando lá, presente. Entre a compreensão imaginária e a visada conceitual está a prática no manuseio do que virá a ser uma obra, que segue “espelhada” da mente para o físico como na pintura, escultura etc, denominando assim um “ato artístico”. Essa dupla da execução existencial, e a interpretação do público que vem enviesada de conceitos enraizados que se dá pela necessidade de uma investigação da cultura para ilustrar o espaço entre o impulso e a ação. (WARBURG, [1929] 2015).



Figura 1 (esq.): Painel Mnemônico.

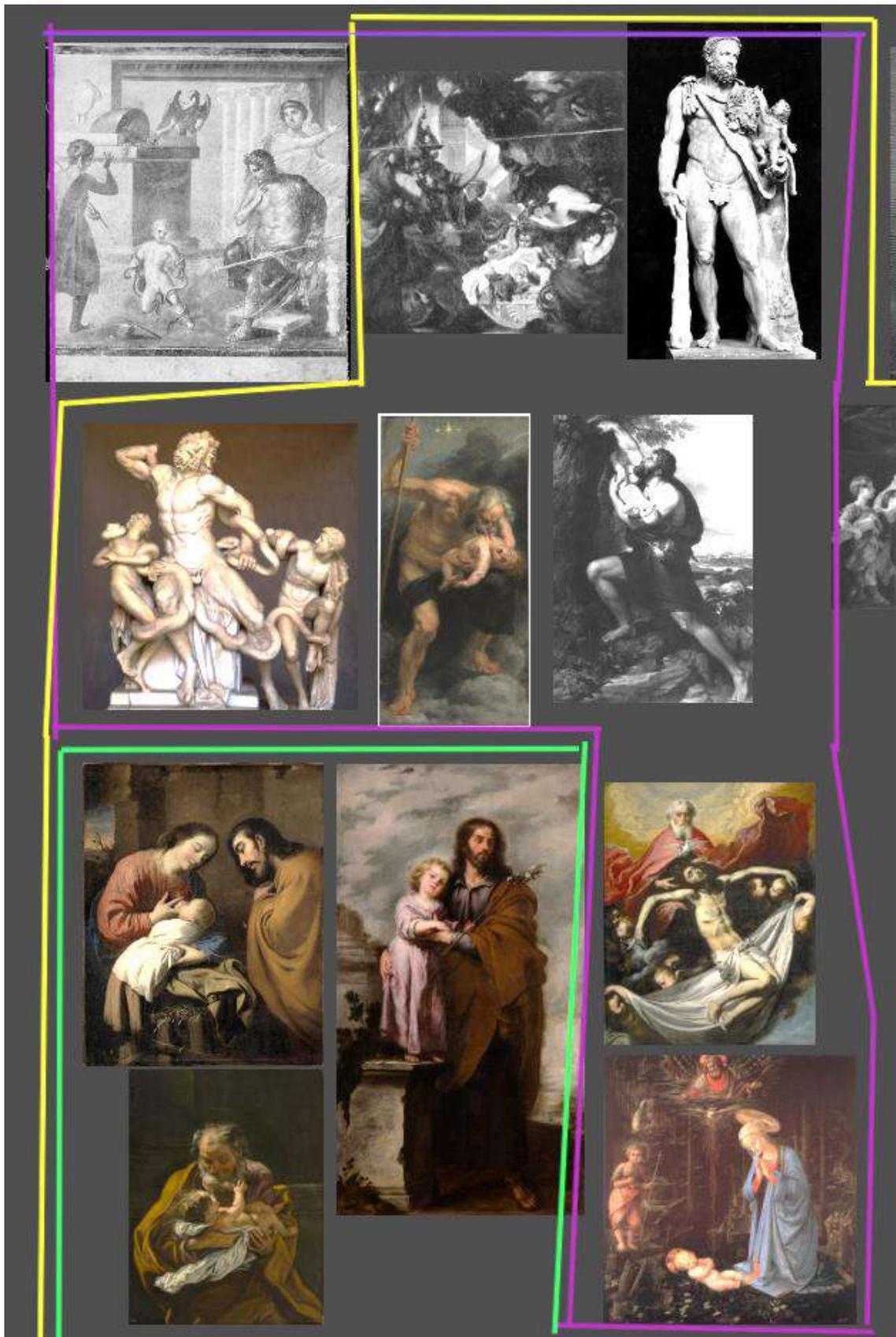


Figura 2 (dir.): Caminho roxo. Fonte: Criação do próprio autor. Disponível em: [https://prezi.com/i/dszgfp\\_ew5sk/](https://prezi.com/i/dszgfp_ew5sk/). Neste formato, é possível aproximar-se de cada imagem, sendo todas elas apresentadas com 200 a 300 dpi. Acesso em: 21 ago 2022.

Trabalhando com tais teorias, entendemos que não se pode estudar a arte sem a cultura, ela é intrínseca na criação histórica e na interpretação das imagens, visto que o corpo do artista relaciona-se à sua época e contexto, sendo estas fundamentais para seu método criativo e nas reverberações simbólicas nas suas criações.

O painel mnemônico ainda hoje pensado coletivamente no Instituto Warburg em Londres porta uma alternativa ao método onde o texto (a fortuna crítica textual) é o percurso usual para pesquisa. Propomos, contudo, que é possível partir da escolha de imagens de diferentes períodos da história e suportes para encontrar temáticas e heranças simbólicas, as estudando e correlacionando, entre formas e conteúdos. Destacamos assim ligações e caminhos que podem nos falar ou indicar determinadas ideias que não se fizeram visíveis pelos textos já escritos. Percebendo que elas dialogam entre si e propagam sintomas na nossa sociedade (à exemplo do caminho destacado na figura 2, em roxo), foi possível comparar representações da paternidade e maternidade nos Estudos da Tradição Clássica, logo, foi possível distinguir a questão do olhar distante em diferentes obras e séculos, revelando esse trauma social da falta de afeto no ideal paterno.

A perpetuação da memória acerca da falta de afeto no ideal paterno, por exemplo, da caracterização da figura paternal impassível, estaria ligada ainda a cultura atual quando questionada a “função de pai” pelos estudos da psicanálise. Nessas circunstâncias culturais certas figurações podem estar representadas e contidas não só nas imagens artísticas mas em vários tipos de documentos como cartas, literaturas, cânones técnicos etc. Para Warburg é esse tipo de fonte que enriquece estudos e constrói percepções mais complexas sobre arte, ou seja: o contexto e as referências dos artistas em seu tempo e espaço existem como marcas em seus trabalhos.

Entendemos, para esta pesquisa, que a produção artística procura se equilibrar num fio (DIDI-HUBERMAN, 2013) como uma fronteira entre o que é aceito ou não pela arte. Quando se alcança algo além desse limite estabelecido, se manteria uma certa soberania sobre o fazer artístico, até que tal seja territorializada de volta pela cultura. Quando Didi-huberman (Op. Cit, 2013) aborda o artista Steve McQueen em seus selos, revela um percurso da construção coletiva do imaginário, onde se pode visualizar a existência de imagens que popularizam viés ideológico e traumas em nossa sociedade, legitimando essa memória coletiva. A cultura de uma sociedade é atrelada as instituições de poder, e assim, atrelada também a uma função histórica das artes, tirando elas desse

local soberano e auto suficiente, impondo um contexto e uma existência específica e mudando seu propósito de como existir.

... [o artista] resolveu se dedicar, interrogando a história das imagens e as imagens da história: a história, em particular, daquilo que nos chega dos outros mundos pelo viés da fotografia ou da televisão; as imagens, em particular, do que permanece de nossa história e, em primeiro lugar, desse estado de guerra tão colado a nosso destino contemporâneo [...]  
DIDI-HUBERMAN ([2013], 2019).

Esse processo de pesquisa dialoga com o de Warburg, esse fio que faz ligações pelas obras, como um novelo emaranhado ou como a constelação de imagens num painel. O uso desse fio para ligar as imagens umas às outras tensiona seus contextos e características, as épocas e seus corpos. Pode-se andar sobre esse fio limítrofe (Op. Cit, 2013), possibilitando escrever outra História da Arte. Quando se problematiza a relação entre duas ou mais imagens cria-se uma relação do objeto artístico como sujeito ativo (como algo que se conversa e interage com o sujeito pesquisador), criando uma outra abordagem da história da arte, não só através de textos mas através das imagens através da metodologia de exercício de painéis mnemônicos.

Saber se equilibrar como funâmbulo é necessário para que se possa tentar uma soberania na escrita e teoria da arte. Para continuar a criar algo novo na arte ou na escrita, é necessário ir em direção a histórias da arte soberanas, criando relações de tensão que as desestabilizam continuamente.

## **Considerações finais**

A pesquisa continua em andamento, na busca por mais imagens que comportem esses signos e temáticas ou outras possíveis relações que se compreendem recorrentes e pertencentes ao *Pathosformeln* das imagens artísticas. Dada a defasagem de estudos acerca da representação da paternidade, esta pesquisa se mostra arcaica para se compreender e estudar essas relações além da cis-heteronormatividade.

Portanto, criar uma pesquisa imagética possibilita a validação do exercício teórico do painel mnemônico e a criação de uma alternativa não tradicional, ou seja, esse novelo da criação de novos textos e imagens (saberes), "... a operação narrativa de pensar

acerca da imagem, de compreender a experiência de pesquisa do(a) historiador(a) como parte imanente da história narrada[...]” (TONIN, 2021), portanto aprofundando-se nas imagens e nos teóricos para expandir e enriquecer a pesquisa.

## Referências

Warburg, A. **Histórias De Fantasma Para Gente Grande**: escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WARBURG, A. **A presença do antigo: Escritos inéditos – Volume 1**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

Didi-Huberman, G. **Sobre o Fio**. Florianópolis: Cultura e Barbárie. 2019.

TONIN, T. **A recepção italiana de Aby Warburg entre filologia e historiografia da arte. Entrevista à Monica Centanni (IUAV)**. Palíndromo, Florianópolis, v. 11, n. 24, p. 162-179, 2019. DOI: 10.5965/2175234611242019162. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/15165>. Acesso em: 21 ago. 2022.

TONIN, Thays. **A iconologia como experiência estética. Ensaio sobre uma imagem sem fonte encontrada no Warburg Institute Photographic Collection**. Palíndromo, Florianópolis, v.13, n. 30, p. 247-271, mai 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/48869967/TONIN\\_T\\_A\\_iconologia\\_como\\_experi%C3%Aancia\\_est%C3%A9tica\\_2021](https://www.academia.edu/48869967/TONIN_T_A_iconologia_como_experi%C3%Aancia_est%C3%A9tica_2021) . Acesso em: 21 ago. 2022.